

Em promessa de novos ataques, Trump chama Irã de ‘perdedor’

Fala veio após pedido de desculpas de Masoud Pezeshkian aos países vizinhos

O presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, classificou o Irã de “perdedor do Oriente Médio” e prometeu continuar a ofensiva iniciada há uma semana até que a nação se renda ou entre em colapso.

A declaração foi dada em resposta direta ao presidente do Irã. Masoud Pezeshkian pediu desculpas neste sábado (7) aos países vizinhos que foram afetados pela retaliação iraniana após o ataque conjunto dos EUA e de Israel que matou o líder supremo iraniano, Ali Khamenei, no último sábado (28).

Pezeshkian disse também que o conselho provisório de liderança suspendeu os ataques a países do golfo Pérsico, medida que Trump atribuiu como sendo resultado dos bombardeios realizados por Washington e Tel Aviv.

“Essa promessa só foi feita por causa do ataque implacável dos EUA e de Israel. [...] É a primeira vez que o Irã perde, em milhares de anos, para países vizinhos do Oriente Médio”, escreveu na Truth Social. “O Irã não é mais o ‘valentão do Oriente Médio’, mas sim o ‘perdedor do Oriente Médio’, e continuará sendo por muitas décadas, até se render ou, mais provavelmente, entrar em colapso total”, acrescentou.

Em sua declaração neste sábado, o presidente americano afirmou que o Irã será atingido com “muita força”. “Estão sob séria consideração para destruição completa e morte certa, por causa do mau comportamento do Irã, áreas e grupos de

peças que não eram considerados como alvos até este momento”, disse Trump.

Mais tarde, enquanto falava a repórteres a bordo do Air Force One, o republicano disse não esperar que os curdos entrem no conflito. “Não estamos olhando para os curdos irem [à guerra] porque não queremos fazer uma guerra mais complexa do que já está.”

Nesta semana, o jornal The Washington Post afirmou que Trump havia oferecido “ampla cobertura aérea dos EUA” e outros tipos de apoio para que curdos iranianos assumissem o controle de partes do oeste do Irã. Eles estão entre os maiores opositores do regime e são um dos principais alvos da violenta repressão do Estado persa.

O primeiro-ministro de Israel, Binyamin Netanyahu, afirmou neste sábado que o país tem o controle “quase total” do espaço aéreo sobre Teerã, prometendo manter os ataques.

Em pronunciamento na TV, no qual fez um balanço da operação até o momento, Netanyahu anunciou que Israel manterá “com toda a força” suas operações de ataque ao rival. “Temos um plano metódico, com muitas surpresas, para erradicar o regime e permitir a mudança. Temos muitos outros objetivos, que não detalharei aqui.”

Trump disse que ainda não determinou quanto a guerra vai durar e que “não tem indicação de que a Rússia está apoiando o



Masoud Pezeshkian se desculpou publicamente por reação que atingiu países vizinhos

Irã” —o Kremlin teria apoiado o regime iraniano com informações sobre alvos americanos na região. Na sexta (6), Pezeshkian conversou com o russo Vladimir Putin e, de acordo com a mídia estatal iraniana, afirmou ter expectativas de que Moscou apoiasse Teerã.

Horas depois do pedido de desculpas feito por Pezeshkian aos países vizinhos, o Exército iraniano afirmou que continuará atacando alvos militares dos EUA e de Israel em toda a região.

“Após as declarações do presidente, as Forças Armadas declaram mais uma vez que respeitam a soberania nacional dos países vizinhos e que não realizaram nenhuma agressão contra eles”, diz o comunicado. Mas, “caso as ações hostis anteriores continuem, todas as bases e interesses militares” dos EUA e de Israel “em terra, mar e ar” em toda a região serão os “alvos principais”.

Em discurso televisionado neste sábado, Pezeshkian disse que Teerã não se renderá aos EUA nem a Is-

rael: “Os inimigos levarão ao túmulo o desejo de que o povo iraniano se renda”.

Também neste sábado, o chefe de segurança do Irã, Ali Larijani, disse à TV estatal que a ofensiva lançada por Washington e Tel Aviv visava desintegrar o país e despertar insurgências, mas que os objetivos dos rivais fracassaram e que os iranianos estão unidos. “Os EUA queriam transformar o Irã em outra Venezuela”, afirmou, em referência à captura do ditador Nicolás Maduro e consequente continuação do regime em Caracas tutelado por Washington.

Ainda durante o voo no Air Force One, Trump também afirmou a repórteres que os EUA “destruíram os navios da Marinha, a Força Aérea e mísseis” do Irã, além de terem diminuído a capacidade de uso de drones dos adversários.

O americano acusou o próprio Irã de ser responsável pelo bombardeio de uma escola na cidade de Minab, no sul do país, e questionou a “precisão” das autoridades militares iranianas.

“Pelo que vi, isso foi feito pelo Irã”, afirmou. Nem os EUA nem Israel admitiram ter realizado o ataque. Uma análise do jornal The New York Times ligou a ação, em que morreram ao menos 175 pessoas, principalmente crianças, a ação dos EUA.

Por Folhapress

China fala em ‘grande ano’ na relação com os EUA

O chanceler chinês, Wang Yi, afirmou que 2026 será um “grande ano” para a relação entre China e Estados Unidos, declarando também que intercâmbios de “alto nível” já estão em discussão.

“As relações entre China e Estados Unidos mobilizam todas as partes e afetam o mundo inteiro. Se os dois países deixarem de se relacionar, isso só levará a mal-entendidos e erros de cálculo; caminhar para conflito e confronto prejudicará ainda mais o mundo”, disse em entrevista coletiva na manhã deste domingo (8), no horário local, como parte da reunião anual do Congresso chinês, que se estende pela próxima semana.

As declarações ocorrem às vésperas de um esperado encontro entre o presidente americano, Donald Trump, e o líder do regime chinês,

Xi Jinping, em Pequim. A reunião, ainda não confirmada, é aguardada desde o último encontro entre os mandatários em Busan, na Coreia do Sul, quando colocaram freios na disputa comercial que afetava os dois países.

Wang também declarou estar satisfeito com o fato de que os chefes de Estado têm dado o exemplo e mantido bom contato apesar das diferenças.

“O que agora é necessário é que ambos os lados façam preparativos minuciosos, criem um ambiente adequado, administrem as divergências existentes e eliminem interferências desnecessárias. A atitude da China sempre foi positiva e aberta; o ponto-chave é que os Estados Unidos também avancem na mesma direção.”



Wang Yi vem tentando costurar parceria com Washington

O encontro entre Trump e Xi ocorre após o americano realizar uma ofensiva coordenada com Israel contra o Irã, parceiro estratégico de Pequim e uma das principais rotas de expansão da iniciativa Cinturão e Rota.

O chanceler voltou a condenar a ação no Oriente Médio, pediu cessar-fogo imediato e afirmou que o conflito sequer deveria ter acontecido.

“Ter o punho mais forte não significa ter mais razão; o mundo não pode retroceder à lei da selva. Recorrer facilmente à força não prova a própria força, e a população civil não pode se tornar vítima inocente da guerra”, disse.

Além de Teerã, Trump também avançou sobre outro parceiro do regime chinês, a Venezuela, culminando na captura do ditador Nicolás Maduro e de sua

esposa, que aguardam julgamento em um centro de detenção americano.

O movimento é um desdobramento da estratégia de segurança nacional dos EUA, divulgada em novembro do ano passado, que declara que o governo passará a aplicar a Doutrina Monroe. Trump também limitou as negociações de petróleo venezuelano, privilegiando acordos com empresas americanas.

O esforço trumpista é visto também como uma forma de barrar a influência chinesa na região, uma vez que Pequim já é, por exemplo, o principal parceiro comercial do bloco latino.

Em resposta a como a China reagirá às ambições americanas na região, Wang afirmou que os países devem decidir como serão usados os seus recursos e escolher os seus “amigos”. “A cooperação entre China e América Latina não tem como alvo terceiros e tampouco deveria ser perturbada por terceiros”, declarou.

Por Victoria Damasceno (Folhapress)